

Fonte DIÁRIO DE SOBOCABA Class.: 3p

Data 30/08/81 Pg.: _____

O NASCIMENTO DE UM INDÍGENA BRASILEIRO

HHB8

Lúcio César Mendes Barros.

"Após o parto a mãe banhava-se no rio, enquanto o marido punha-se de resguardo, abrigando-se do vento. Ficava deitado em uma rede, onde recebia a visita de todas as mulheres da aldeia e dos amigos, os quais lhe dirigiam palavras de consolo pelo trabalho e a dor".

O material fundamental de que dispomos sobre tal assunto encontra-se nas crônicas dos séculos XVI e XVII, de autoria principalmente dos missionários jesuítas europeus encarregados da catequese indígena. As referências mais completas dizem respeito aos Tupinambás, que eram, como se sabe, um dos mais importantes agrupamentos indígenas do Brasil, localizados preferencialmente nas regiões praiianas. Abrangiam várias tribos, dentre as quais podemos

citar Tamoios, Caetés, Temiminós, Tupiniquins, Petiguaras, Tabajaras, etc.

Quando uma índia Tupinambá sentia as primeiras dores do parto, estirava-se no chão, ou em uma tábua própria, que era guardada dentro das ocas, suspensa ao teto. Era, ao mesmo tempo, rodeada pelas parentes e amigas mais próximas.

Se a hora do nascimento era demorada, o marido fazia compressão no ventre da esposa. Além disso, era função do pai, romper, com os dentes ou com duas pedras, o cordão umbilical (chamado vide) e levantar a criança (mitanga), isto no caso de ser menino. Sendo menina ou na ausência do pai, a mãe praticava o corte do cordão e ao tio materno presente restava o ato de elevar a criança.

Em seguida, banhava-se a criança no riacho, achatava-lhe o nariz e ungia-lhe o corpo com óleo. Depois recebia o recém-nascido uma pintura preta e vermelha extraída do penipado ou do urucu, aplicada pelo pai. Após todo este ritual a criança era colocada sobre uma redinha de algodão, apenas a duas estacas.

Tratando-se de menino, o pai pendurava na rede algumas ervas, penas de ave de rapina, arcos e flexas (do tamanho da criança), além

de unhas de onça e garras de uraçu. Caso fosse menina, eram afixadas uma sabacinha e uma porção de algodão, além de o pai cingir-lhe os punhos e tornozelos com as taparucas. Estas taparucas eram uma espécie de ligas, tecidas com algodão, que lhes serviam para engrossar a barriga da perna. Findos os cuidados iniciais, bebia-se o cauim, licor sagrado dos índios, e procedia-se à escolha do nome da criança.

A mãe banhava-se a seguir no rio, enquanto o marido punha-se de resguardo, abrigando-se do vento. Ficava deitado em uma rede, de onde recebia a visita de todas as mulheres da aldeia e dos amigos, os quais lhe dirigiam palavras de consolo pelo trabalho e dor. Era o chamado choco ou covada, característica da civilização indígena brasileira.

Havia outro grupo linguístico, os Tapuias ou Gês, que não têm parentesco com os Tupis-Guaranis e no qual as cerimônias do parto diferiam um pouco.

A índia da tribo dos Botucudos dava à luz sozinha na floresta. O mesmo sucedia-se com a índia Camacã, exceto quanto à primípara (primeiro parto), para a qual havia assistência de uma das velhas da taba. Adentrando-se mata a dentro, a Camacã somente retornava à aldeia quando banhava-se no pós-parto. O nas-

cimento da criança dava-se em um buraco cavado no solo. O marido recolhia-se à rede, alimentando-se somente de inhame e carne de aves.

Também entre os Pataxós existia o ritual da covada. E, com relação a este ritual da covada ou choco, ocorre ainda entre os Caingangs, os Apinagês, os Craós (que tatuam a criança no dia do nascimento) e os Coroados, todos do já referido grupo Tapuia.

A mulher Coroada dava à luz nos bosques, evitando o luar, sendo após alguns dias festejado o parto, em meio de uma festa regada a cauim.

Entre os Tapuias do Nordeste, o parto tinha sua vez na floresta. A mãe cortava com uma concha o cordão umbilical do recém-nascido, sendo que depois cozia o umbigo juntamente com a placenta e comia tudo.

A covada não existia apenas entre os selvícolas do grupo Tapuia e do grupo Tupi-Guarani; existe também em outros grupos de indígenas independentes, como os Bacairis.

As mulheres dão de mamar à criança geralmente por um ano e meio, sem neste período dar-lhes outra coisa a comer.

Eis, em resumo, os ritos e usos mais característicos da civilização dos antigos indígenas do Brasil, no que diz respeito ao parto.